

# os fogos da casa

## Exemplos

Se deites, como nunca antes, fizes,  
Um ao mesmo se senta e ceca.  
Se fizes, a chama debrui, hantary,  
As duas paradas de altura ruz.

Se deites, entre o mar e o mar,  
Compartilha o mar no mar que raga.  
Se fizes, ignora o que acontece, o "quasi",  
Que começa o trabalho, em um mar de farsa.

Invento no que a cada dia,  
Do conto, a alta que te anima a facha.  
Resposta o tempo de trabalho.

Alguns vezes, onde a dança gada,  
Sentado a distância, enquanto anda,  
Resposta no delectação, em continue.

## Expectativas

Por dentro, anseio ouvir aquela frase,  
Onde na miragem se avista a casa.  
Por fora, a chama destrói, kamikaze,  
As breves paredes de altura rasa...

Por dentro, embrio o morso Dois em gaze,  
Compartilho o mar na maré que raze.  
Por fora, ignoro o eco insistente, o "quase",  
Que encrespa o tormento, em não nos desfasa...

Insisto na jura a cada alvorada.  
Do canto, a alba que te anima a fachada.  
Pleaquece o âmago descontínuo.

Alvura escura, onde a doença grada,  
Sístole e diástole, mesma pada,  
Persisto na declaração, em contínuo...

## Músculo

Emxergo a casa no zelo do corpo.  
Cada estirada cara uma trincheira,  
Em novos cantos hasteia bandeira.  
Do notor brota o mó, rígoroso carpo.

Mais: pé que planta pise é dicarpo!  
Fruto do abalo do chão, treme a leira,  
E, no corpo, a casa, num gesto, inteira,  
Se alarga em confusão de vento. Zarpo!

Emquanto o corpo teima e se debate,  
Perdura a sede, o desejo em combate,  
Emrobustece-se o músculo e a casa.

São sombria, corte do mesmo alfaiate,  
Um igual coração, sem desempate,  
Mas com uma ampla envergadura de asa.

## Antecâmara

Que cresça são e sumarento o fruto oco  
Da paisagem por dentro da janela.  
Pode ser que esta porta, meu sufoco,  
Seja meramente um puxão de trela...

Ainda acalento o milagre, o convoco,  
Com linguagem que é reza, congela...  
Sei que a rotina conforta, mas pouco,  
Sou um crente à procura de capela...

Deixa-me ser a tua mão noturna,  
Quem vislumbra a fuga dessa calvarna,  
Minha sombra muga a ti favorece.

Eu serei a alfombra que te cobre a rua,  
O resguardo pobre ante a luz da lua,  
Até que a tua sombra, enfim, regresse.



## Dúvida (o Amor tem muitas vias)

Busco franqueza na repetição  
Ou a vida do inesperado, sem dono?  
Que entrega mão comporta a rendição  
Ao vulgar juízo da arte, o abandono?

Da lide diária sai a rima, o grão.  
Amassa-se o pão, harmoniza-se o tono.  
Tem de nó a profusa construção.  
Ai, se eu por ti não durmo, Amor Patrono...

Servis ao tempo, ao ror dos dias,  
Fé e fermento, a razão da rotina,  
São brasa, rumor para umas mãos frias.

Se para o Amor se obtém muitas vias,  
Troco (tento) a paixão pela faxima,  
Acho no labor minhas utopias.

## Meditação (Nota de intenções)

Usar salvaguardar significados.  
Abstinar por gosto, ornar um emblema—  
Curo novidade, qual novo prema,  
Opto pelo zelo, pruzo seus procos.

Oferto-me ao Deus, com seu céu e algados.  
Curo o curso de prolongar um sistema.  
Olvido o troféu, qual marca da algema,  
Obtenho da morte um lance de dados.

Moro no tempo que estende a matéria...  
Música... Onde a forma é duração...  
Me abençoou a sorte tamanha féria...

Mescla-se a casa com o coração,  
Melhor o fluxo de sangue na artéria—  
Mor monumentos é manutenção.

3/4

Torno ao ritmo do peito, selvagem  
Compasso, e desaproveito a cabeça,  
A rechaço, sujeito-me à graça  
Do bagaço da fé, do mel coragem...

Sal como uma promessa, tatuagem  
No braço, agradeço a toda a compressa  
Que embaço, a cada plural ameaça  
Que carno, com um outro gomo ou imagem.

Por entre as juntas do tapume escuto  
O fogo e deixo no ventre o volume  
De um rogo: que nele concentre o fruto;

Que reentre um eixo, mesmo que hirsuto,  
Um moço, e, por fim, se encontre o perfume  
De algum desafoço, um salvo-conduto.

## Heritacão

Porque não cedes ao corpo algum  
Descanso, depois das tantas, inúmeras  
Paredes, das escadas, do jejum,  
Do avanço que este conquistou às feras?

Porque não bebes do torpor comum  
Do falhanço, e concebes que o que geras  
Ou pedes não te trará mais nenhum  
Pernanço, não comporta primaveras?

Acaso não se faz fraco teu corpo  
São? Dos cacos não brotará a glória...  
Quão audaz é a tua fé ilusória?

Nada te agrada na minha oratória...  
A tentação nós no outro... Ah, tão simplória  
Ficção... Não há ruína para o nosso corpo...



## O guarda

Eu não a tenciono abrir. Nunca! Não!  
Desmaio ao vislumbre de uma fresta...  
Mas, sobre o contorno, o afã da minha mão  
Preserva a silhueta da floresta.

Para não ruir, na frente um cartão:  
"Volto já" — será que a vida se empresta?  
Insisto no contorno, na oração,  
Com fé que finde coisa tão furesta...

A tua roupa espera pendurada.  
Salvez venha a ser útil novamente,  
Salvez lave a volta, seja semente,

Salvez da magia me faça crente...  
Basta apenas um milagre, um somente...  
Por favor, porta, mantém-te fechada.

## Noturno

Permanece a noite, negra, impassível,  
E, sobre o trincão, o gato pendurado.  
De prata e zinco, os astros no brocado  
Fingem que o zênite integra outro nível...

Antes nos Dois servia, era flexível.  
Cada vinco prometia um sol-mado...  
Hoje, o brilho de um brinco vira achado,  
Perante noite tão negra, terrível...

Pouco a pouco, se despe o firmamento,  
Torna-se oco, de uma nudez sem osso...  
Da tez do breu, o moço velho pigmento

Broca o céu pelo fundo, pelo fono...  
Presta o barroco gesto, o juramento...  
Salvez na noite caia um véu mais grosso...

## Ex-noto

Pelo fogo que sobeja na casa,  
Pelo chão que se prolonga nos dedos,  
Pelo canto que te beija e te embrasa,  
Pelas paredes que afastam os medos,

Pelos ecos, som dos ossos em brasa,  
Pelos gestos que se tornam enredos,  
Pelo pôr-do-sol que teima e se atrasa,  
Pelos milagres e seus arvoredos,

Pelo poema do linho estendido,  
Pela lide que te ceveja um vestido,  
Pela paisagem dentro da janela,

Pelo buril que arredonda o zunido,  
Pelo pão que segue sendo comido:  
Sobre a mesa, coloco duas velas.

## Alçado

Arco: altos, baixos, curtos, compridos,  
Falsos, em faixas, curvos, parecidos,  
Com grotos, covas, rugosas e lisas,  
(Quantas mais paredes serão precisas?)

Com e sem talique, presas, fendidas,  
Livres de aplique, íneas, preenchidas,  
Em tijolo ou madeira, acho divisas —  
Serão charmeira, o tal sinal que visas?

Quantas mais dobras na casa distingue,  
Maiores as fogueiras que respingo,  
Maior é o esqueleto alteado.

Mas de que serve ter um labirinto,  
Que se conserve de lado, farrinto,  
Se o lugar do centro não está no alçado?



## Manutenção vs Arquitetura

Sacudi a toalha depois do almoço,  
Passei a ferro e estendi os lençóis da cama,  
Limpei as janelas com grande alvoroço —  
Fervor de abelha seguindo um programa.

Apaguei do espaço as linhas de esboço.  
É com caneta que desenho a trama.  
Carrego o traço com mais arcabouço  
Qu'um tom de promessa de quem declama.

Mas se o meu gesto é força de vida,  
Na casa, o protesto lê-se entropia,  
Evidencia a luta contra a morte.

Acepla-se o ideal da obra erigida  
Ao infernal da labuta — a ironia  
De renovar na casa o seu desmornte...

## Sobre a duração

Li que te procuram sentir no ócio,  
Na morosa imobilidade móvel;  
Que, na prosa do tempo, o teu negócio  
É sugerir a vida do outro imóvel.

Mas só te sinto e ao teu sacerdócio  
Na rotina teimosa, com um móvel,  
Na glosa de um gesto de perfil ósseo,  
Cuja consciência é dom imóvel...

Se revelas no intento, no sentido,  
Ou na mão que se esquece das muralhas  
No alento do passeio distraído?

Eu insisto com o quente das formalhas.  
Busco o pão no segundo preterido.  
Duração, poucas são tuas migalhas...

## O protesto de Penélope

Escutem: não se espera pelo Amor.  
O afimco não denota obediência.  
Porque memorizam esta potência?  
Porque a equiparam com a paixão, o ardor?

Firmo-me qual prefixo ao labor,  
Meu desejo acha lar na paciência.  
Troco o plano fixo pela sequência,  
No ensejo de prolongar o calor.

Não, eu não me cingo a fiar um sudário  
Com um fino fio de tom grisalho  
Num ritual de brío solitário...

Com meu fio te endosso, te agasalho.  
Talvez assim mirre o fosse diário...  
O Amor só se preserva no trabalho.

## Luz de Setembro

"Começo pelo sol", disse o pintor,  
Mas na tela o lençol muda, escurece.  
Como o fim da tarde que amadurece  
É carnuda a sombra no bastidor.

Valha a luz na imagem provenir da cor...  
Ainda um pouco do verão permanece...  
Só que o calor, anterior benesse,  
Vira ideia, não mais retém fulgor...

Com a corda preta que o sol produz  
Amarra-se o outro sol num compromisso.  
Assim, a herda do tempo assina em cruz,

Converte a memória num sonho omissor:  
Agora, a História ou o porvir que seduz  
São ambos nostalgia de um Eu enfermiço.



## Manutenção

É um dia esse gesto não te pertence.  
É texto de diário, são mais folhas,  
A abadia de listas, um non sense  
Que em ti elevas, o rosário de folhas

Nos dedos, as vistas para um suspense  
Onde mora o corpo e suas escolhas  
Que odias, ou a falta delas que vence—  
É a aurora, a luz mas lajes que molhas.

Não te pertence. Não tem o teu peso.  
É um automatismo em catadupa,  
É uma cruz que do corpo se ocupa,

Como um bordão repetido, infinito...  
Recordar aqui é lirismo, admito...  
Não existe tempo que te deixe ileso...

## O Dois

Nosso monumento desaparece  
Ao fim de todos os dias, com  
O peso de todas as pedras. Dem  
Ou tormento para quem prevalece

Buscando só o alimento da prece -  
O sim do amanhã que trazias. Bom  
Troço para as heras... Dó pelo tom  
De cimento que ao intento alorrece...

Mas me mé, me fragmento, mas crateras,  
No repetir em que eivados são os eixos,  
No pé com que se adornam os desleixos,

Enterras vigas, unguentos, quimeras,  
As promessas de brasas que hão de vir...  
Domínio de sonho... Queda dormir...

## O elogio da rima

Apesar de laço, devo ao espelho  
Todos os gestos que espalho, o par mínimo;  
O acicatar das brasas, o vermelho  
Do inchaço, os cátodos que expõem o íntimo

Ao duplo, ao osso a que me assemelho,  
A rotina que os multiplica, o homónimo -  
Simbiose igual a extensão. Um artelho  
Entre o físico e o eterno, eis um sinónimo.

Cresce a casa nas enumerações.  
Da frase de estilhaços, meus pulmões  
São a tua voz, o teu canto e a orvalhada.

Condensa-te, não te quero ver limpo,  
Dá-me a miopia para o garimpo,  
A saudação do outro lado da estrada.

## A descida

Esfrego os degraus durante a descida,  
Eis que sob a mão cintila o oceano.  
Será sombra de vela, ardil, engano,  
Eleva o não de escadas a Vida?

A verdade e seus graus é lei sumida.  
Hoje, a beleza oscila no alto ufano...  
Meu povo, costela do chão profano,  
Eslege o iterar da prega torcida.

Escorre a água e seu jorro é rimbo,  
A força do braço de jeito termo.  
Devasso o puro com um argembo,

Socorro teu corpo durante o inverno.  
Só pela matéria me curvo inteiro.  
O ideal é um rago cativino.



## A emenda

Tanto arde pelo gesto à la prima...  
São gesto e cantar do tiro certeiro...  
"Jemial a mãe do que lesto anima",  
Soa a bordão de quem vive em viveiro.

Fraca a baleia que morre da esgrima.  
No exercício, o combate nem tem cheiro.  
Falta o medo de falhar que aproxima  
O talhe, o ofício, de lugar cinzeiro.

Sublime o vaso em cujo erro deteto,  
No nazar do rio, o ouro que redime  
Dourados afluentes no partir.

Cicatriz, que tantos nomeiam crime,  
É amor, cuidar, coexistir:  
Só de emendas se faz este soneto.

## Paisagem

Sumiram-se as flores, o céu, a mata,  
O som do riacho, a ficção bucólica,  
O curto relaxo, a clara abertura...  
Não há cura para a febre melancólica...

Com o passar dos anos vem a agonia  
Do encurtar do chão, quais dores de cólica,  
Sai dos passos a ânsia de longinqua,  
Se extenua de forma diabólica.

E as muralhas de paredes que ovidos  
Se acumulam sobre o corpo cansado,  
Cobrem a velha paisagem branca...

Para cada horizonte pervertido  
Imagino a construção de um valado:  
No peito, o Amor traça a cartografia...

## As mãos

Minhas mãos em tuas mãos se repetem.  
São teus fósforos, tuas acendalhas —  
Luzem fecundas faíscas, medalhas —  
Tal favor só mesmo os santos prometem...

Que teus olhos tais pinturas afetem!  
Se, à distância, ao seu toque atalhas,  
Talvez da minha vontade te valhas...  
Algo mais minhas imagens projetem...

Um simples êxtase, uma aparição,  
Um pequeno encontro de madrugada...  
Qualquer milagre é extrema-ungão,

Qualquer afago, reflexo, luzada...  
Angélico seria meu serão  
Mal se anunciasse a tua chegada...

## Calendário

Euim. Não mais existo. Sou um calendário.  
Antecipo o presente dos meus dias.  
Sonho com o ausente, aliso as estrias:  
Não haja vida para além deste himário.

Cumprir a ambição, ser só arbitrário,  
Mais um número nas folhas vazias.  
Sou um branco rasto de sol que amacia  
Entre os dedos, um tempo no calvário.

Em que mês estamos? Não se repete?  
Na dúvida, face o imenso, prudente,  
Levanto-me consultando um lembrete:

Dispõe-se-me a vida, seu uso corrente.  
Na vida que a nossa casa acovete  
Nos devolve um futuro... Eternamente.



## Instruções

Colocar uma ripa sobre a porta.  
Prendê-la com pregos de ambos os lados.  
Reforçar! (É bom que aguente machados...)  
Quantas mais ripas melhor se comporta —

Qual barricada que tudo suporta.  
Travar a maçaneta e seus rodados.  
Recoverir à cama ou a móveis pesados.  
Tudo o que a impeça de abrir reconforta...

Se o trabalho não vingar, a querência  
Esconde palavras antigas, ríscios,  
Que antes te serviram, foram perfeitos...

Quando nem a chave era uma presença...  
E mas portas só se liam inícios...  
Antes de ao tempo estarmos sujeitos...

## Repetição

Fuja do imprevisto, do interessante,  
Seu registro não preza uma jornada—  
No cerne, a flor da surpresa ofertada  
Escala sempre um cheiro nauseante.

Serena a escolha que realça o instante,  
O cultivo da pétala adormida...  
Nela, a vida se apoia, é sonhada,  
Cristaliza um fecundo diamante.

Mas um perigo do espelho germina:  
Tomar por graal a lembrança, o afim...  
Tanta estátua deste sal se arruína...

Doce o evangelho dentro do jardim,  
Onde a poda faz do Amor disciplina—  
Repetir é carbono com um sim.

## As sombras

Na sombra de antes tudo era conversa.  
Quais corpos em tranqüilo desarrumo,  
Numa vaga nebulosa de fumo...  
Era a casa no mundo e vice-versa...

Lentamente, a mesma sombra dispersa...  
A um pesado exílio me acostume...  
Perante o fardo, a chaga do resumo,  
De solidão a vida me surge imersa.

Não saberei ver além da metade,  
Onde não reluz o hábito da espada...  
Se só partilhar indica verdade,

Que vida esta que a sorte fez errada...  
Por isso, insisto, feito Herazade,  
Quisá tua vida seja poupada...

## Arquitetura melancólica

Queira que a casa se esqueça da imagem,  
Da pose com que cose uma virtude,  
Da hipnose da abstração, da quietude,  
Da morte em que a prisão é a linguagem.

Queira que o breve agitar da folhagem  
Eleve a sugestão de incompletude,  
Abre a mão da cura, da saúde,  
De uma arquitetura sempre em viagem.

Este desígnio aos corpos se lança:  
Que recuperem na casa a incerteza.  
Funda-se o lar, renova-se a aliança,

No ígneo gesto que traz a limpeza.  
Mas toda a arquitetura têm de herança  
Um desejo secreto de tristeza...



## O intruso

Esta casa não oferece um refúgio  
Faz a adversidade da tempestade.  
Persiste ao sublime, à deidade,  
Sem o prazer de qualquer subterfúgio.

Não há distância amena, apenas conjução—  
Não se ouve na concha o mar de verdade—  
No centro do tornado, em paridade,  
A nossa casa opõe-se ao transfúgio.

Nela, a chuva faz um choro, um lamento.  
Nela, o vento é contorno difuso,  
Onde os trovões trovam vida, dão alento,

Paz de um Deus com que do medo me excuse.  
São a paisagem interna com que enfrento  
Esse outro incomensurável intruso.

## O túnel

Do túnel me acenavas e eu sorria...  
A promessa cantando da outra margem -  
Onde começa o físico e a miragem? -  
Nem a lógica já me respondia...

Do túnel me acenavas e eu carpia...  
Na cabeça, o real tornou-se imagem -  
Pregressou o muro a impedir a passagem -  
O nosso encontro a lógica proibia...

Nesse túnel, meu mundo se fez crível  
Num mais profundo real que consagre  
A suspensão de um irreal possível...

Mas, do túnel, só teu nil sinal agre...  
Só esse aceno e seu encanto insensível...  
Talvez entrar seja mesmo um milagre...

## Maturidade

Via-te no longe, na embriaguez  
Da alquimia que corteja o imprevisito,  
No vendaval, navegando, benquisto,  
Na alegria terminal da fluidez.

Liberdade, fruto da madurez,  
Só te olho nos olhos quando resisto,  
Quando sereno, resolute, invisto,  
Nas palavras que escam da mudez.

Surges no repetir com que agradeço,  
Na casa, no projeto em que intervim.  
Nos limites, como um monge me expresseo,

No afirmar de um propósito, de um fim:  
Sei que esta voz é só mais um começo  
De um corpo íntimo longe de mim.

Para a minha tia Graça, pelo exemplo. | Título: *os fogos da casa*  
Autor: Tiago Madaleno Design: Tiago Madaleno Edição Manual:  
sem tiragem definida (todos os exemplares físicos deste livro de  
artista são escritos à mão e devem ser oferecidos). Este livro surge  
associado ao projecto *Luz de Setembro* (2021 — ...), desenvolvi-  
do com o apoio do Programa Garantir Cultura e que teve a sua  
primeira exposição na Galeria do Paço / CdC Paço, em Braga,  
Universidade do Minho, entre 25 de Fevereiro e 18 de Março de  
2022 | Parceiro institucional: República Portuguesa — Ministério  
da Cultura Outros parceiros: Universidade do Minho, Rede Cas-  
as do Conhecimento, Appleton — Associação Cultural, Parco  
archeologico di Pompei, Fondazione Giorgio e Isa de Chirico  
Agradecimentos: Prof.ª Dr.ª Joana Aguiar e Silva, Thays Cunha,  
Marta Mestre, António de Castro Caeiro, Federica Polenta,  
Leonor Lloret, Vera Appleton, Joana Patrão, Adriana Romero,  
Daniel Fonseca e à minha família. | @ Tiago Madaleno | Todos os  
direitos estão reservados. Nenhuma parte desta publicação pode  
ser reproduzida, arquivada ou partilhada sobre qualquer forma,  
física ou digital sem o consentimento do autor. | Março 2022 |  
+ info: [www.tiagomadaleno.com](http://www.tiagomadaleno.com) | [tiagofmadaleno@gmail.com](mailto:tiagofmadaleno@gmail.com)